

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

PEQUENA CHRONICA

Manhãs frias, manhãs de dezembro.

A atmosphera dealbante envolvia-nos n'um bauhio de gelo, a lua mal se mostrava atravez do nevoeiro pesado, as estrellas eram pirlampas engastados no firmamento, e, apesar de tudo, aqui em Barcellos principiava a animação: eram as novenas.

Lá ao longe, por essas aldéas fóra, os sinos chamavam á oração, assim como aqui.

No templo havia de tudo: devotos, dandys, sopeiras e beatas.

Aquelles primeiros eram poucos, os segundos ainda menos, das penultimas grande quantidade e as ultimas quasi todas.

Rapazes tangendo castanholas e trauteando uns trechos de musica carnavalesca que logo iam ouvir ali no templo do Senhor da Cruz; cachopas procurando os escuros para fallarem ao derriço, já que de dia o não podiam fazer.

Cá fóra faz muito frio: entremos tambem para a Egreja.

Egreja cheia, á cunha. Acotovellando-se, pisando-se, descompondo-se com palavras de regateiras, insultando-se, lá se vão acamando, como figos em caixa, n'uma promiscuidade de espectáculo, os dandys e as sopeiras, os devotos e as beatas, os rapazes e as cachopas! Uma reinação! E isto todos os dias, ou antes todas as noites, durante o tempo que duraram as novenas!

Não haveria meio d'evitar tantos escandalos e tanta frescura? Creio que sim. Porque se não celebram as novenas de dia?

Serão menos concorridas é certo, mas mais uteis: o espirito religioso não se manifesta no grande concurso de povo: manifesta-se sim na pureza d'intenção, no sacrificio, na devoção.

—E' tempo de festa, festa de todos, festa das creanças, festa dos adultos.

Lá algures que o natal não era a grande fes-

ta da humanidade, mas sim a festa das creanças e dos gastronomos.

Quem assim profana esta festa unica, festa d'amor, festa alegre como um canto de philomella, não conhece as alegrias de familia, não quer saber a poesia, o encanto, a doçura das festas do natal: terá bom estomago, confesso, mas tem o coração muito vasio de sentimentos, muito frio, muito desprovido d' affectos.

Ha nada comparavel á noite de Natal?

Homens que de longe veem retemperar no purissimo amor da familia os affectos desprezados, esquecer os desgostos soffridos, rodeados de creanças que são o seu enlevo, creanças louras como os trigoas, coradas como o sol poente, cheias de vida, chilreantes, folgazãs, amaveis, podendo as consoadas, jogando infantilmente amendoas e figos, nozes e pinhões á espera da hora da ceia, n'uma alegria doudejante, unica!

Operarios que deixam o labutar quotidiano para virem n'estes dias trazer o resultado do seu trabalho d'um anno, á familia, enchugando muitas lagrimas, o coração a trasbordar de jubilo, a alma acalentada d'esperanças, esperanças manifestadas em osculos, osculos d'amor, puros como uma alvorada primavereal!

Estudantes cansados de livros e de lições, n'uma alegria de bohemios, alheios a egoísmos e repletos de bons ditos; vem ver a terra que lhes serviu de berço, apertar n'uma expansão de vida as callosas mãos dos seus condiscipulos da escola regia, oscular as faces da mãe, seu anjo tutellar, abraçar os irmãos para quem trazem uma prenda!

E tudo sorri, e todos estão alegres. Alegria communicativa, alegria que se faz estender até aos pobres com quem n'esse dia repartem o necessario para que tenham tambem uma coia farta, uma coia lauta!

E não é isto uma festa da humanidade?

E não é isto uma festa universal?



EMILIO ZOLA

A. LAGRIMA

O sol vivificante e acariciador tambem quiz dar o seu quinhão para a festa. Tem-nos visitado brilhante e quente, convidando ás reuniões de familia, reuniões cheias de poesia, reuniões cheias d'amor, reuniões cheias de recordações e d' affectos.

Boas festas! Eis a saudação d'estes dias! e n'estas duas palavras como que se synthetisa esse sentimento sublime que tem o nome de Caridade!

E' effectivamente a Caridade no Ceu e a Caridade na terra. Caridade que salva o mundo e Caridade que allivia o pobre, Caridade angelica e Caridade humana. Uma que falla á alma, e outra que consola o coração, aquella unindo os homens a Deus, esta ligando os homens entre si.

E já que são tempos de boas festas, a «Lagrima» tambem envia a todos os assignantes, leitores e collaboradores as—BOAS FESTAS.

M. ARIO



ANTONIO LIMA

Cahem, ressequidas e pallidas, as folhas das arvores.

Estamos na quadra mais triste e desoladora do anno.

A neve dealba os campos e os prados e as florestas.

O gelo crucia, n'um helice de larga faixa roixa, a crista dos mares e a concavidade circular do horizonte.

E é n'esta quadra triste que nos desaparece o nosso amigo, o nosso saudoso e bom e leal e querido e espirital amigo!

Porque era elle um dos espiritos bons da «Lagrima».

Viu-a nascer. Acalentou-a, bafejou-a de graças e de obsequios.

Era, ultimamente, o seu administrador, activo, trabalhador, desinteressado.

Bom rapaz. Pobre moço.

Cahiu vencido na pujança dos annos.

Mas tambem cahem as folhas dos olmos, e tambem se estiolam os braços e os paupanos pujantissimos das vidés americanas.

A Solonis amarelou; e é forte e potente.

Que admira que tambem succumba a Riparia, mimosa, com a folha delicada, recortada, esbicada?

Antonio Lima era um espirito delicado, como delicada, d'um rubro esmaecido, a folha da Riparia vitis!

Morreu, porem.

Mas vive. Vive na saudade dos amigos, toda a gente, e na saudade da «Lagrima», que aqui lhe deixa, não uma só, mas muitas e senidas lagrimas sobre a campa.

Aos amigos d'estes, que já nos olham da janella do Futuro,—eterna saudade.

A REDACÇÃO



JOSE' FERNANDES

Foi um Falstaff, esse vulto celebre, historico, que encheu como nenhum outro a vida barcelleira d'esto ultimo quattel de seculo. Abundavam n'elle as coisas metaphysicas dos genios, e na terra que «dezesete mil peitos viu armados» jámais surgirá tto extraordinario homem!

As creações shakspeareanas, que se impõem com grande auctoridade ao estudo e admiração dos pensadores, são quadros á Rembrandt, escreve Schlegel, livros fechados ainda hoje, diz Pinheiro Chagas. Porque a critica ha tresentos annos que estuda Shakspeare, mas não o interpreta. Em José Fernandes, um Hamlet, um Othello, um Romeu, como os personagens do tragico inglez julgados debaixo do ponto de vista transcendente, vão as gerações futuras tambem ter um livro pouco aberto, um personagem nebuloso, um quadro coberto de sombras espessas!

Portuguez de organisação accessivel a todos os emprehimentos braçoaz, gigante da pilheria, desaparecido infaustamente do meio em que sempre riu e fez rir, Himalaia de chalaças subinergido em sete palmos de terra—a historia da vida de esse roble está abraçada á historia da sua terra dos ultimos 30 annos. Pertence a elle o maior quinhão dos successos passados dentro d'esse periclo, assim como a Pombal pertence o maior numero das glorias do reinado de D. José.

Existe muita gente que se lembra do seu nascimento, de origem modesta entre os mais modestos.

A LAGRIMA

sua entrada no caminho abrolhoso da vida dos que só se sustentam de pão. Novo ainda, mas já com uma organização solida de Oliveira, tez bronzeada, cabello á escovinha, olhar vibrante, cerebro duro, agreste, em bruto, como as barras de ouro ao sahir das minas, José Fernandes fazia crer que, na classe dos proletarios e dos obreiros do trabalho rude,—d'esse trabalho que cansa o corpo n'uma profunda desigualdade do estudo scientifico que fatiga o intellecto do homem sabio—havia de erguer-se, athletica, a sua figura como n'um comicio de populares se destaca impávida e séria a de Manoel da Graça.

Quando na França começou o movimento do operariado, José Fernandes fez-se *artista*, trabalhando ao lado do «Querido», do «Cesteiro», e d'outros, em construcções preliaves, sem nunca haver feito *pavé*. Commungava nas ideias radical—socialistas, e quando entendea que o regulamento das *oito horas* era um mytho, largou o officio e dedicou-se ao commercio kiosqueiro, que mais tarde renegou, assoberbado pela crise de 84, escrevendo n'esse anno a um fornecedor da rua Direita as suas melhores paginas—«que estava fallido!»

Em seguida occupou cargos de bastante confiança, entre Barcellos e Porto, na qualidade de receveiro, viajando e m commissão dos negociantes das duas praças.

Um anno e tanto depois, entrou no jornalismo, fazendo parte, não dos collaboradores, mas sim dos distribuidores de dois diarios portuenses, a «Lucta» e o «Jornal da Manhã.»

Alguem disse que José Fernandes pertencera á escola de «Estabareda» e «Cantagalo.» E' certo ter frequentado a universidade de Tavola, conseguindo em varios exames *accessits* de cadeia, e o toσό da ordem dos «Piscos» foi-lhe conferido pelo seu genio folgazão, patenteado muitas vezes publicamente—título honorifico que, a despeito da opposição á sua figura, correu todavia parelhas com os d'aquelles dois *specimens* na propaganda hostil á sociedade de Temperança.

No carnaval dava «Pisco» o braço á Galhofa e esparciavam ambos pelas ruas e praças. Quando a «Batata» exhibia as duas netas vestidas de lavadeiras, annunciando a chegada do folião, já José ruminava no que devia apresentar aos seus admiradores, nos 3 dias *gordos*. E eram de tal arte e engenho os seus inventos, que no anno da *vacca* houve quem visse hórbalhar os olhos do Gonçalo, porque na presença do original trabalho do «Pisco» offuscavam-se os seus espiritos e esquecia-se o seu renome.

Foi a *vacca* que immortalizou «Pisco» e com ella conquistou mais louros do que Edisson com o famoso phonographo.

Diz-se que, registrando-se n'esse dia na administração do conecelho, foi José em seguida visi-

tar... um edificio do governo, onde pernouteou, graças ás exigencias de um seu amigo capenga.

A França, a Hespanha, a Italia, Portugal, Brazil e outras nações conheciam José Fernandes. Qualquer viajante d'estes paizes, apeando-se na estação do caminho do ferro de Barcellos, entabulava logo, pela força poderosa da sua posição alli, relações com o nosso biographado.

Morreu pobre!

A morte, lei fatal, irrevogavel,—«a noite do agitado dia, a que chamamos vida», como a de finiu o grande necrologista Mello,—não foi um castigo para ti, turbulento «Pisco», nem uma pena imposta pelo Auctor da vida. Foi um bem, um beneficio!

Luctaste heroicamente com os baldões da sorte, a trabalhar, a rir, a beber, e Parca terrivel, que abate, prosta, fulmina, lança por terra, o rei, o presidente de republica, o rico, o pobre, ceifou tambem a tua existencia de bohemio!

«Beati mortui, qui in Domino moriuntur».

Descansa agora, galhofeiro rapaz, na voragem do tumulo, e deixa que a saudade das tuas partidas invada os corações da humanidade que fizeste rir, e deixa que eu perturbe n'este momento, alcançado pela noticia da tua morte, o silencio triste e algido do cemiterio onde jazes!



NOTAS DA QUINZENA

Um commerciante da rua Direita tinha um frangosito a que dava o aprego que se costuma dar a objectos de grande valor.

Era o bicho—a vida da sua vida, a alma da sua alma.

A horas competentes dava-lhe de comer, fechava-lhe a capoeira e não sabemos se até examinava se tinha ovo...

Meninices de velho.

Um dos ultimos dias—dia fatal—esqueceu-se de o encapoeirar.

Pela manhã, quando lhe ia fazer a visita costumada, encontrou-o tremulo, a cabeça entre as azas, as pennas erigidas, n'uma tristura e melancholia de quem não vae consoar com a familia.

Picou attento. Dizia palavras sem nexo, tentava encontrar-lhe um pulso para ver se ainda vivia, dava-lhe bafaradas quentes—queria a todo o transe insular-lhe muita vida.

—Ah!—dizia elle—aquella creada... Se a gente não tem cuidado com os animaes... Pobre bicho! Deixarem-te a este frio, foi matar-te!

Lembrou-se que com o calor do forno talvez fcesse bom. E como lhe seria agradavel tornar a vê-lo passear, dandysando-se pelo quintal, comen-

A LÁGRIMA

do aqui e acolá umas minhocas, umas hervasinhas e cantando—chi-che-ri-chil...

Pôl-o ao calôr do forno, mas fatalidade, não sabemos se por mudança repentina de temperatura, o frango cahe morto repentinamente.

Repentinamente também se agarra ao «cadavel... do morto»... exclamando:

—Parece que está vivo!..

E não valeram amigos que o convencessem a fargal-o das mãos. Depois resolveu querer saber o que occasionou a morte.

Vai-o Antunes abrir o bicho.

Mãos á obra: á falta de lanceta foi mesmo a navalha. Mette-lhe as mãos no «interior de dentro»... o sr. Antunes e revolve o fato; no estomago nada que denuncie qualquer coisa.

—Oh amigo dê-lhe duas «martelladas» no pescoço, quero vêr a garganta.

O autopsista... abre-lhe o dito e encontra-lhe no meio do canal que conduz o alimento ao estomago, um greiro d'arroz:

—Ah amigo, nenhum «plaustra» saberia defricar tão de prompto o enysma, como eu. Não que elle estava uma «cagalhifancia» mais «intrigada»!

—Diga do que morreu, sr. Antunes, olhe que arreberto?..

—Morreu «asfixado».

E ficaram satisfeitos.

E quando o sr. Antunes se retirou para casa, havia na rua Direita um socego de pantano, perturbado n'aquelle momento por uma pancada dada n'uma meza, acompanhada d'uma voz: quinei, que sahia do Café Mattos.

*

Nevoeiro denso, nevoeiro londrino. O ambiente parece querer coagular-se como grude. Frio de pólo norte.

Noite de Consoada.

Lá vão dois irmãos ponte do Cavado em fóra:

—Eu cá... não te... lho fr... i... o...

—Anda para casa, mano.

—N...ão, n...ão vou...

—Anda que é tão tarde... São duas da manhã!

—Ah! mas v...ae cha...cha...mar o Silveira... Sei que mor...ro; vejo ali a mor...te...
Queres tirar algum dente?

—Não. Que...ro tirar o re...trato.



MIGUEL BRAZ

Vão deixar-nos em breve o nosso amigo Miguel Braz.

Parte para o Brazil.

Bem nos queria parecer que aquelle nariz aquilino e aquella fronte larga e aquelle sorriso

bom e aquelles labios finos e aquelle olhar um pouco sceptico não eram nossos, não nos queriam pertencer.

Parte para a sua terra; parte para a sua patria.

Portugal...era simplesmente a sua patria adoptiva.

E nada ha mais sympathisante e doce e consolador do que a Patria que nos viu nascer.

Vai-se embora.

Mas nós aqui ficamos rogando a Deus que lhe dê muita fortuna e muita vida—para em breve nos tornar a ser companheiro bom, amigo leal e bellissimo espirito—como hoje nos deixa, deixando-nos vivas e profundissimas saudades.



ALA DOS NOVOS

A «Lagrima» é hoje visitada por dous colaboradores novos.

Com todo o prazer e vangloria mesmo lhe offerece as suas columnas.

Dámo-nos bem, sentimo-nos magnificamente bem, entre os novos, na ala dos Novos, tão hilariante e pujante de vitalidade, tão sympathica como a celebrada Ala dos Namorados, mais revolucionaria do que a ala dos mais rifênhos conquistadores das hostes do Sultão de Marrocos.

M. Ario é o pseudonymo d'um nosso amigo, tão amigo como fino escriptor e como amabilissimo cavaqueador e ainda como scintillante orador.

*** encobrem também um espirito novo e burilante, nosso patricio, hoje no Brazil, mas que aqui tem ainda o coração todo inteiro e todo cheio dos perfumes suavissimos da saudade.

Ambos amigos e ambos intelligentes, honram a «Lagrima» com a sua scintillante colaboração, e praza a Deus que assim seja por muitos annos e bons.

Ao primeiro, a M. Ario, cede, cheio de enthusiasmo e muito agradecido, o logar de honra

Z. SARAWAGO



Em caminho de ferro, ha dois dias, entre dois pombinhos d'esta villa:

—Estás triste?

—Não estou: é questão de temperamento.

—Nem por vires a meu lado?

—Por isso mesmo!....



RESPONSÁVEL—João Gonçalves da Silva